

TRABALHO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO E OMNILATERALIDADE: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Eixo: Marxismo, educação e luta de classes: desafios históricos e urgências contemporâneas

Geisa Ferreira dos Santos¹
Caroline Pereira de Oliveira²

RESUMO

Nesse artigo discutiu-se o trabalho como princípio educativo na formação do omnilateral e os antagonismos da categoria trabalho. Compreende-se que ao passo em que esse é utilizado pelos proprietários dos meios de produção para estratificação, exploração e meio de manipulação da classe trabalhadora, por outro ângulo, dialeticamente o mesmo, pode assumir um caráter educativo de superação, de consciência e luta de classe para emancipação humana. Assim, buscou-se responder a problemática em que medida pode-se reconhecer o princípio educativo do trabalho na formação omnilateral do sujeito? O ponto de partida desse estudo será uma pesquisa bibliográfica, amparada no materialismo histórico-dialético, discutindo as relações entre trabalho e educação, trabalho como princípio educativo. O estudo contou com a contribuição dos seguintes teóricos Marx (1975), Manacorda (1991), Saviani (2000), Frigotto (2005), Ciavatta(2005), Ramos (2005), Souza Jr. (2009). Dessa forma pode-se afirmar, com este estudo que, o trabalho como princípio educativo e a formação omnilateral aponta para novos questionamentos e aprofundamento sobre a temática.

Palavras-chave: Omnilateralidade. Trabalho como Princípio Educativo. Contradição.

RESUMEN

En este artículo discutimos el trabajo como principio educativo en la formación de omnilateral y antagonismos de trabajo de la clase. Se entiende que el paso que es utilizado por los propietarios de los medios de producción para la estratificación, a través de la manipulación y la explotación de la clase obrera, desde otro ángulo, dialécticamente, puede tener carácter educativo para superar, de conciencia y de lucha clase por la emancipación humana. Por lo tanto, hemos tratado de responder al problema en qué medida se puede reconocer el principio educativo del trabajo en la formación del sujeto omnilateral? El punto de partida de este estudio es una investigación bibliográfica, basada en el materialismo histórico y dialéctico, discutiendo la relación entre el trabajo y la educación, el trabajo como principio educativo. El estudio incluyó la siguiente contribución teórica de Marx (1975), Manacorda (1991), Saviani (2000), Frigotto (2005), Ciavatta (2005), Ramos (2005), Souza Jr. (2009). Por lo tanto, se puede afirmar, con este estudio, el trabajo como principio educativo y puntos de entrenamiento omnilateral a nuevas preguntas y explorar más a fondo la cuestión.

Palabras clave: omnilaterality. Trabajando como principio educativo. Contradicción.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)-Campus XVI-Irecê/BA; estudante do Grupo de Pesquisa em Gestão Educacional, Trabalho, Tecnologias Sociais e Economia Solidária (GENTTES) e bolsista de iniciação a docência PIBID.

² Licenciada em História. Professora do CETEP / Irecê. Membro do Grupo de Pesquisa em Gestão Educacional, Trabalho, Tecnologias Sociais e Economia Solidária (GENTTES).

Introdução

O presente estudo se configura a partir de uma pesquisa bibliográfica amparada no materialismo histórico dialético, visando responder a seguinte questão problema, em que medida pode-se reconhecer o princípio educativo do trabalho na formação omnilateral do sujeito? Neste sentido, tem como questões norteadoras as seguintes indagações, quais relações são estabelecidas entre trabalho e educação na formação do ser social? Em que condições o trabalho assume um caráter educativo? Como se dá a aplicabilidade do princípio educativo do trabalho na formação omnilateral?

O trabalho, tal como afirma Manacorda (1991) é a mais simples e antiga relação por meio da qual os homens aparecem como produtores. É por meio do trabalho que o homem se constitui em ser social e produtor da vida. Assim, para Marx,

[...] o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza(...) pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana. (...) uma abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. (MARX, 1975, p. 202).

Nesse artigo discutiu-se o trabalho na perspectiva dos seus sentido contraditório, pois o mesmo ao tempo em que possui um caráter divisor de classe, esse que vivenciamos no sistema capitalista, o trabalho fetichizado³, por outro ângulo, dialeticamente, pode-se observar uma categoria de trabalho que contribui para a emancipação humana, ou seja, uma forma de trabalho que segundo Frigotto (2005) é a base estruturante de um novo tipo de ser, de uma nova concepção de história. Assim, o trabalho como princípio educativo, pode contribuir para uma formação crítica e consciente dos sujeitos, contribuindo dessa forma para um possível processo

³Fetichismo é o processo pelo qual a mercadoria, ser inanimado, é considerada como se tivesse vida, fazendo com que os valores de troca se tornem superiores aos valores de uso e determinem as relações entre homens, e não vice-versa. Ou seja, as relações entre os produtores não aparece como sendo relação entre eles próprios (relação humana), mas entre os produtos do seu trabalho. [...] A mercadoria adquire valor superior ao homem, pois privilegiam-se as relações entre coisas, que vão definir relações materiais entre pessoas. Em consequência, a “humanização” da mercadoria leva a desumanização do homem. (ARANHA e MARTINS 1993, p 12)

revolucionário que vise à superação do modo de produção capitalista, que tem no trabalho o princípio de alienação da classe trabalhadora.

O desenvolvimento da pesquisa consiste na leitura de autores tais como Saviani (2000), Frigotto (2005), Ciavatta (2005), Ramos (2005), Manacorda (1991), Souza (2009), entre outros que estudaram a temática em análise, a fim de embasar teoricamente o artigo, e através da avaliação metodológica pela ótica do materialismo histórico dialético pretende-se entender o que é, em que condições se dá e quais as contribuições do princípio educativo do trabalho na formação do sujeito omnilateral.

Dessa forma esse tem como objetivo geral analisar em que medida o princípio educativo do trabalho contribui para formação do sujeito omnilateral. De acordo com Souza Jr. (2009) trata-se de um sujeito consciente do modo de produção da vida, são homens que se afirmam historicamente e se reconhecem mutuamente em sua liberdade e que superam a separação entre trabalho manual e intelectual. Bem como as divisões de classe, entre muitas outras características humanas e solidárias pertencentes aos sujeitos omnilaterais. Manacorda (1991 p,79) reafirma que a “omnilateralidade é entendida como um desenvolvimento total, completo multilateral em todos os sentidos das faculdades e das forças produtivas, das necessidades e da capacidade da sua satisfação”. Uma educação de cérebro e mão.

Com essa proposta de pensar o trabalho como princípio educativo e formação omnilateral, espera-se abertura para novos questionamentos e aprofundamento da discussão sobre a temática, e que tais discussões / reflexões possam levar a resultados que venham a contribuir para o envolvimento de profissionais comprometidos com a educação e com uma postura de enfrentamento dentro dos espaços formativos. Com isso visando à formação de sujeitos que saibam se organizar numa perspectiva de classe, um lutando pelo outro, conseqüentemente todos em prol de um bem comum, a emancipação humana. Sujeitos instrumentalizados na luta contra hegemônica por uma sociedade mais justa e igualitária.

Relação trabalho e educação: uma aproximação histórica

O trabalho está presente na vida em sociedade desde os primórdios desta. O mesmo é categoria ontológica do ser social, pois é pelo trabalho que o sujeito se humaniza. O trabalho como diz Marx é relação dialética entre o pensar e agir sobre a natureza, é pelo trabalho que se

fez e se faz a sociedade. Assim, nesse intercâmbio com a natureza, o ser humano produz os bens de que necessita para viver, aperfeiçoa a si mesmo, gera conhecimentos, padrões culturais, relaciona-se com os demais e constitui a vida social. (FRIGOTTO, CIAVATTA e RAMOS, 2005, p.23)

Na sociedade primitiva se educava para vida e pela vida, a educação estava intrinsecamente relacionada ao trabalho. Como diz Ponce (2000) era o aprender fazendo. Antes as pessoas viviam em prol do bem comum, não existia classe social e o que se produzia visava atender as necessidades humanas. Com o desenvolvimento dos meios e instrumentos de produção articulados à necessidade da criação de novas técnicas para fazer avançar a produção da vida, as relações foram mudando, acompanhando os ritmos, moldando-se à vontade daqueles que dominavam, pois com o aumento da produção, gera-se um excedente que será apropriado por um determinado grupo dando origem, desta forma, à propriedade privada e conseqüentemente a dominação de um grupo que possui os meios de produção pela exploração do grupo que possui apenas a força de trabalho.

Na sociedade Feudal dividida em classes, em que o modo de produção era o agrícola, o trabalho era dividido e os servos eram quem realizavam toda produção para sobrevivência deles e da classe dominante formada pelo senhor feudal e pelo clero, também se caracterizava pela exploração de uma classe por outra. O principal aparelho ideológico da época era a igreja (PONCE, 2000). Deste movimento dialético de mudanças históricas aliadas às necessidades e as contradições e lutas de classes, a sociedade feudal deu lugar a sociedade capitalista, que se consolidou enquanto sistema econômico, sistema esse que vivenciamos hoje.

No modo de produção capitalista, em que os proprietários dos meios de produção exploram aqueles que só detêm a força de trabalho, o discurso de igualdade, liberdade e fraternidade proposto pela Revolução Francesa, na prática foi outro. A classe revolucionária que era a burguesia quando assumiu o poder passou a ser uma classe reacionária. O cenário de revolução mudou, desde então a burguesia se mantém no poder controlando a educação e os aparelhos ideológicos a fim de evitar uma tomada de consciência dos trabalhadores, evitando dessa forma uma nova e possível revolução proletária. Portanto, o sistema capitalista visa à formação de sujeitos unilaterais.

Entretanto, por outro lado, são das contradições da sociedade que possíveis mudanças no modo de produção podem acontecer. Dessa forma, na escola os sujeitos podem atuar nesse

processo, pois na mesma ao passo que são reproduzidas as concepções de uma classe, também é um instrumento que a classe trabalhadora encontra para se apropriar do conhecimento historicamente produzido pela humanidade através do trabalho, conhecimento esse negado pela classe dominante. Diante disso a relação trabalho e educação na perspectiva de formação para superação não é só possível, mas também necessária.

Assim, como na sociedade capitalista os proprietários dos meios de produção estão sempre buscando meios para renovar o modo de produção capitalista, com isso produzir mais para lucrar mais, fazendo com que a cada momento surgem novos contextos, novas realidades (é através desse movimento dialético que surgem as contradições). Na escola também, os sujeitos precisam assumir essa postura de mudanças, pois a mesma é pensada por uma classe em detrimento de seus interesses. Quem pensa a educação escolar hoje são os organismos internacionais, tais como, o banco mundial, OMC⁴. Portanto percebe-se que tal educação tem como principal objetivo formar a classe trabalhadora para atuar nas empresas, para que as mesmas possam lucrar cada dia mais. Sendo assim, a educação escolar tem como fim o desenvolvimento econômico da classe dominante, que precisa de trabalhadores competentes formados para tal fim.

Considerando que o trabalho dentro do capitalismo assumiu um caráter dominador e que aqueles que detêm os meios de produção dominam aqueles que possuem apenas sua força de trabalho, esse trabalho fetichizado não deixa de ser educativo, segundo Frigotto (2005), “ele educa para a consecução de seus fins de disciplina, subordinação, produtividade, é um princípio educativo negativo, deformador e alienador”. Os sujeitos não tem consciência de sua produção, as coisas são humanizadas e os sujeitos coisificados, não se reconhecem como sujeitos produtores da vida, e sim como parte de uma máquina com função determinada. Marx chama essa educação de educação unilateral.

Dentro dessa concepção, a formação unilateral é oposta à omnilateral. No modo de produção capitalista a educação, e o que se tem de educativo no trabalho, não tem outro objetivo que não seja a manutenção do que está posto, e da forma mais desumana possível. Segundo Manacorda citando Marx,

O trabalhador se apresenta física e mentalmente rebaixado a uma máquina, tornado pela divisão do trabalho cada vez mais unilateral e dependente,

4 OMC-Organização Mundial do Comércio.

considerado pela economia política como besta de carga ou peão, um animal reduzido às mais estritas necessidades corporais. (MANACORDA, 1991)

Diante do exposto, “a etimologia da palavra trabalho vem do latim *tripaliare*, do substantivo *tripalium*, aparelho de tortura formado por três paus, ao qual eram atados os condenados, e que também servia para manter presos os animais difíceis de ferrar”. (ARANHA e MARTINS 1993 p, 9). Observa-se a que se associou a ação humana de construção do ser social, construção essa que no atual sistema, é com certeza uma tortura para aqueles que o mantém, mas que, dialeticamente pode ser um mecanismo de emancipação humana.

A questão aqui tratada não é a de acabar com o trabalho na vida do sujeito, e sim analisar em que condições o trabalho está sendo posto na sociedade, como ele se configura, e a partir dessa análise fazer uma leitura de como pode acontecer o trabalho enquanto processo educativo e emancipador dos sujeitos, até porque,

O trabalho como atividade fundamental da vida humana existirá enquanto existirmos. O que muda é a natureza do trabalho, as formas de trabalhar, os instrumentos de trabalho, as formas de apropriação do produto do trabalho, as relações de trabalho e de produção que se constituem de modo diverso ao longo da história da humanidade. (FRIGOTTO, CIAVATTA e RAMOS, 2005, p.23.)

Como percebemos o trabalho enquanto categoria fundante do ser social continuará existindo enquanto houver humanidade, dessa forma percebe-se a importância de pensarmos uma superação da exploração do trabalho do homem pelo homem. Essa superação não é nada fácil, pois os capitalistas possuem mecanismo de manutenção que atuam de forma hegemônica na sociedade, e em especial na escola. As mesmas são assumidas posturas a serviço do capital, pois é pensada, formulada e legislada para tal. Essa postura precisa ser revista e combatida por educadores e educandos dentro de uma perspectiva crítica.

A ilusão passada pela escola e que é fundamentada pela lei Jacomini (2003) é a de que se o sujeito estuda e se qualifica ele não ficará desempregado, o que não é verdade. Passa-se a ideia que a instrução escolar é a salvação para todos os males sociais, políticos e econômicos da sociedade. Esse “poder sobrenatural” da escola disseminado pela ideologia capitalista, faz com que a realidade e a crueldade do capital sejam mascaradas. O motivo do desemprego não é a falta de escolarização, e sim uma consequência da organização estrutural da sociedade capitalista, que

precisa de uma massa muito grande de desempregados, o chamado exército de reserva, para poder controlar e manipular o trabalhador. A tendência é que esse exército só aumente.

Não é que a escolaridade e a educação não sejam importantes para todas as dimensões de vida, inclusive para o mundo do trabalho. A distorção consiste, como mostra BELLUZO (2001), no fato de passar a ideia de que os pobres são pobres porque não têm boa escolaridade, quando, ao contrário, eles têm uma precária escolaridade exatamente porque são pobres. Da mesma forma, induz-se à ideia de que ter ou não ter emprego ou um bom emprego depende exclusivamente da escolaridade, mascarando, portanto, as relações sociais geradoras do desemprego estrutural, do subemprego, das atividades precarizadas e da desregulamentação das relações de trabalho. (FRIGOTTO, CIAVATTA e RAMOS, 2005, p38.)

É necessário entender que mudanças na estrutura da sociedade não partirão somente através da tomada de consciência dos sujeitos. Marx já afirmava na Ideologia Alemã que não é a consciência que determina o ser social, e sim o ser social que determina a consciência, dessa forma podemos concluir que o ser social se faz como tal pela relação dialética entre teoria e prática, e que essa relação ocorre pelo trabalho, então, é viável afirmar que o trabalho possui um papel importantíssimo na formação de ser social e da consciência, e que o mesmo é um princípio educativo, no qual os sujeitos se educam, e essa educação pode ser para emancipação ou para manutenção. Visto que,

É a consciência moldada por esse agir prático, teórico, poético ou político que vai impulsionar o ser humano em sua luta para modificar a natureza (ou para dominá-la, como se dizia no passado, antes que se tomasse consciência da destruição que o homem vem operando sobre o planeta). A consciência é a capacidade de representar o ser de modo ideal, de colocar finalidades às ações, de transformar perguntas em necessidades e de dar respostas a essas necessidades. Diferente dos animais que agem guiados pelo instinto, de forma quase imediata, o ser humano age por meio de mediações, de recursos materiais e espirituais que ele implementa para alcançar os fins desejados. (FRIGOTTO, CIAVATTA e RAMOS, 2005, p.29.)

Como se pode observar o trabalho no capitalismo se configura negativamente ao passo em que esse assume um papel estratificante, de um lado trabalho manual e do outro trabalho intelectual. Tal divisão social do trabalho tem como consequência a formação unilateral dos sujeitos que não se reconhecem em sua produção. Porém, o mesmo dentro de outra perspectiva

revolucionária poderá contribuir para mudanças significativas na sociedade, desde que, seja trabalhado o princípio educativo para formação de sujeitos omnilaterais.

Formação omnilateral

A omnilateralidade presente na obra Marx e Engels se refere a uma concepção de formação de indivíduos que supere a unilateralidade burguesa. Que supere a alienação produzida por ideologias capitalistas, e principalmente a estratificação social consequente da divisão do trabalho. Tal formação só será possível dentro de uma sociedade emancipada de todas as mazelas do capitalismo, porém, ela começa dentro também do capitalismo, vejamos,

A superação do homem unilateral e a construção do homem omnilateral só poderão ocorrer numa sociedade na qual os meios de produção sejam coletivos e a produção seja uma realização em benefício da coletividade. Porém terá necessariamente de começar a ser construída a partir das contradições que resultam da condição social do homem no capitalismo. (JACOMINI, 2003, p,139)

Souza reafirma da seguinte forma

A politecnia é a formação dos trabalhadores no âmbito da sociedade capitalista que, unida aos outros elementos da proposta marxiana de educação, deve encontrar o caminho entre a existência alienada e a emancipação humana em que constrói o homem omnilateral. (SOUZA, 2009,p,5)

A educação na perspectiva omnilateral é um desafio dentro da atual conjuntura social, porém não impossível. O próprio Marx em sua obra traz a politecnia⁵ como o caminho a ser trilhado para alcançar tal formação. A politecnia é,

Proposta para se realizar no presente da opressão a que estão submetidos os trabalhadores com o propósito de a eles responder. A politecnia não almeja alcançar a formação plena do homem livre, mas a formação técnica e política, prática e teórica dos trabalhadores no sentido de elevá-los na busca da sua autotransformação em classe para si. Portanto a politecnia não tem como condição para sua realização a ruptura ou superação das determinações históricas da sociedade do capital. (SOUZA, 2009, p, 5.)

⁵Politecnia é uma categoria que não abordaremos com profundidade nesse artigo, é mencionada nesta discussão para compreender melhor a omnilateralidade, pois a mesma é uma categoria importante que Marx traz em sua obra, que poderemos trata-la em outro artigo.

Porém a “politecnicidade e a omnilateralidade se complementam no processo desde a formação do sujeito revolucionário até a consolidação do ser social emancipado”. (SOUZA 2009, p.5). Dessa forma, politecnicidade é uma categoria que contribuirá para formação de sujeitos que atuam dentro da sociedade em prol de sua classe, conscientes de que são explorados e que precisam lutar por melhores condições de trabalho e de vida para todos, é isso que Marx chama de classe para si.

Segundo alguns autores, entre eles Manacorda, Marx não definiu o conceito de omnilateralidade, o que ele fez foi trazer um sujeito o qual ele denominou de omnilateral para representar o que seria um homem oposto ao homem unilateral produzido pelo capitalismo. Sendo assim existem muitas definições para omnilateralidade, porém todas partem da mesma fonte, as obras Marxianas, logo contém a mesma essência. Dentre essas definições Manacorda afirma que,

A omnilateralidade é, portanto, a chegada histórica do homem a uma totalidade de capacidades produtivas e, ao mesmo tempo a uma totalidade de capacidades de consumo e prazeres, em que se deve considerar, sobretudo o gozo daqueles bens espirituais, além dos materiais, e dos quais o trabalhador tem estado excluído em consequência da divisão do trabalho. (1991, p.81)

Dentro dessa perspectiva compreendemos o homem omnilateral como um homem completo, liberto de toda ideologia capitalista de consumo, de individualismo, de egoísmo; sujeito esse capaz de se orientar a partir de seu posicionamento crítico perante a sociedade, sujeito capaz de agir em prol de um bem comum e solidário para todos. A educação teria um papel importante nessa formação, pois ela leva o ser humano a refletir sobre a realidade, realidade essa alienada, manipulada, que a todo tempo é reafirmada pelo capital.

A educação assim como o trabalho possui um sentido antagônico. De que maneira? Ela ao tempo que é usada pelo capital para manutenção, também poderá ser utilizada para emancipação. Portanto, a relação trabalho e educação terão como início e fim recuperar o homem na sua totalidade.

“Quando um processo formativo é desenvolvido numa perspectiva omnilateral, possibilita ao indivíduo colocar-se no terreno da produção, da transformação, da práxis assumindo sua posição de sujeito crítico-criativo”. CRUZ (2004, p.1). Nesse sentido entendemos que o trabalho como princípio educativo é diferente do trabalho como meio educativo, porém, ambos são fundamentais no processo de emancipação humana.

Consideramos que uma educação voltada para superação da unilateralidade seria aquela que desenvolvesse no sujeito uma visão de todo processo histórico-social-econômico-político e a relação intrínseca de cada uma dessas categorias entre si. O princípio educativo do trabalho possibilitaria ao sujeito identificar que toda produção humana é consequência do trabalho, trabalho esse alienado, esclarecendo as relações estabelecidas e as consequências de tais relações dentro da sociedade.

Sendo assim uma educação que se preocupa com a formação omnilateral deve estar fundamentada numa perspectiva que aponta para desenvolvimento integral do homem, propiciando uma visão total da realidade, que lhe permita enxergar nas entrelinhas da sociedade, que lhe possibilite ser um sujeito crítico frente aos problemas sociais que muitas vezes são velados, que possa atuar dentro da sociedade como um homem, e não como uma peça num tabuleiro comandado pelo capital.

Uma proposta pedagógica que tenha como particularidade o princípio educativo do trabalho, “formar para numa perspectiva omnilateral significa envolver-se na crítica da sociedade; é contrapor-se ao modo de produção capitalista de formação humana, enfim, é colocar-se a serviço da libertação e humanização dos homens (CRUZ, 2004, p.2). A educação ela pode ser revolucionária ou reprodutivista dos valores dominantes, pois a mesma também é um processo de trabalho, é uma práxis pedagógica. Segundo Saviani:

[...] O trabalho educativo é o ato de produzir direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim o objetivo da educação diz respeito, de um lado à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo. (2000, p.17)

Como pode observa-se a educação é um trabalho, trabalho esse desenvolvido pelas escolas, muitas vezes, de forma alienada. Portanto, concluímos que a ação educativa de formação omnilateral terá como foco inicial a formação de educadores omnilaterais. Uma educação que visa a emancipação é aquela que explicita as relações de dominação e de exploração que permeiam toda a sociedade de forma crítica, buscando os nexos e relações entre o todo e as partes.

Assim a formação de sujeitos omnilaterais tem que iniciar se na formação de educadores omnilaterais, pois uma educação satisfatória precisa ser mediada por sujeitos conscientes, críticos, solidários e comprometidos com a superação da sociedade capitalista. Diante disso precisa-se de pessoas que compreendam que mudanças não significa acabar com o que já existe e substituir por novas, ate porque não é possível acabar com toda produção histórica produzida pela humanidade, mas sim,

Superar os limites do Iluminismo sem negar o caráter emancipatório do conhecimento e da razão; superar os limites da democracia sem negar a necessidade da política; superar os limites da ciência posta a serviço do capital sem, entretanto, negar o caráter indispensável da ciência para o desenvolvimento humano; superar a concepção burguesa de progresso social sem negar a possibilidade de fazer a sociedade progredir na direção de formas mais evoluídas de existência humana. (DUARTE, 2010, p48)

Pensar a formação omnilateral para alguns é utópico, porém, Segundo Manacorda, para fraseando Marx, o sujeito é, segundo a realidade unilateral, e, segundo a possibilidade, omnilateral. (1991, p75), ou seja, a utopia para alguns é uma possibilidade, para o capital apenas utopia.

Considerações finais

Como se pode observar a dimensão do trabalho dentro do capitalismo é reduzida a uma atividade meramente de sobrevivência, onde o capital é o sujeito e o homem objeto Frigotto (2004), tendo como consequência formação de indivíduos alienados, que não se reconhecem em sua produção.

O princípio educativo do trabalho voltado para formação de sujeitos omnilaterais, está exatamente na busca em superar essa visão unilateral do trabalho. Buscou-se nesse trabalho discutir os desafios e as possibilidades de mudanças na educação, numa perspectiva de transformação do que está posto, o que não significa que se deve excluir todo que se produziu e se tem no capitalismo, pois muitos avanços ocorreram e ocorrem com o desenvolvimento dos processos produtivos, enfim, o que se deseja é que esses avanços sejam gozados por todos os

indivíduos que os produzem, e que esses indivíduos se apropriem dessa produção extraordinária que os mesmos são capazes de alcançar.

Utilizamos o verbo “superar”, superar toda mesquinhez que é produzido pelo capitalismo, e caminhar para uma sociedade mais justa e solidária, para todos que a produz. Sociedade em que o fim da educação seja a voltada para o bem estar do sujeito, uma educação que aconteça na medida em que a formação do homem seja completa para vida, omnilateral, esclarecendo todo processo histórico produzido pelo trabalho humano, com vista à superação da formação unilateral do sujeito no capitalismo.

Assim ao discutir questões tão profundas e necessárias para uma possível formação de sujeitos que possam atuar dentro da sociedade de maneira crítica, percebe-se que o princípio educativo do trabalho contribui para formação omnilateral na medida em que esse possibilita aos sujeitos além da produção material e intelectual, a conscientização de que tudo que se produziu historicamente (conhecimento esse negado pela classe dominante, pois o conhecimento também é propriedade privada) foi consequência da produção da classe trabalhadora, permitindo assim que esse sujeito se afirme historicamente em sua produção, se posicione criticamente perante os fatos sociais, mesmo dentro do capitalismo, pois são das contradições que surgem as inquietações e a necessidade de mudança.

Neste sentido o trabalho enquanto princípio educativo para formação de seres sociais conscientes se dá dentro de uma perspectiva de mudanças na educação, mudanças no sentido de formação humana, e não formação para o mercado de trabalho. Porém enquanto existir capitalismo, os trabalhadores terão que se submeter às condições do capital, ate porque precisam viver, e manter o mínimo de condição de vida nessa sociedade, como por exemplo: moradia, alimentação enfim, sabendo que muitos nem o mínimo têm para sobreviver. Mas, através de uma educação voltada para consciência crítica, o que Marx chamou de educação Politécnica, esses mesmos trabalhadores terão condições de se organizarem, de irem à luta sabendo como caminhar, conhecendo o caminho que a historia trilhou, e por um movimento dialético construir um conhecimento que lhes permitam trilhar para uma possível emancipação, e se tornarem sujeitos omnilaterais.

É nesse contexto que a relação educação e trabalho como princípio educativo contribuirá para que as mudanças venham a acontecer, sabendo que a superação não se dará somente pela

educação e conscientização dos sujeitos, ela será uma aliada nesse processo, assim como o trabalho como princípio educativo.

Referências

Autores Associados. **Educação Básica - Políticas, Legislação e Gestão: Leituras** - São Paulo: Pioneira Thonson Learning, 2004.

CRUZ, Rosangela. **Formação Omnilateral**: perspectivas para o trabalho pedagógico crítico-emancipatório. In: VANPED SUL- Seminário de Pesquisa da Região Sul, 2004. Curitiba.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. O Trabalho como Princípio Educativo na Educação Integral dos Trabalhadores. In: Hélia da Costa; Martinho da Conceição. (org). **Educação Integral de e Sistema de reconhecimento e certificação educacional e profissional**. São Paulo: Escola Sindical São Paulo. CUT, 2005, v., p.19-62.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a Pedagogia Moderna**. Trad. Nweton Ramos Oliveira. 5º ed. São Paulo: Autores associados, 1991.

MÁRCIA, Ligia; DUARTE, Newton (orgs). **Formação de Professores**: limites contemporâneos e alternativas necessárias. São Paulo. Cultura acadêmica, 2010. P. 33-51.

PARO, Vitor Henrique. **A teoria do valor em Marx e a educação**. São Paulo. 2ª. Cortez, 2003.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. Tradução/ José Severo de Camargo Pereira. 17.ed. São Paulo: Cortez, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico Crítica**: primeiras aproximações. 7ª ed. São Paulo. Autores Associados/Cortez, 2000.

SOUZA JR, Justino. Ominilateralidade In: **Dicionário de Educação Profissional e, Saúde**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2009-
Capitado em 11/04/2013 Disponível:
<http://www.espsjv.fiocruz.br/dicionario/verdetes/curcom.html>. SOUZA, Donaldo Bello de. **Trabalho e Educação**: Centrais Sindicais e Reestruturação Produtiva no Brasil. Rio de Janeiro: Quartet, 1999.